



# EBRAPEM027

Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática



## EXPLORANDO NARRATIVAS QUEER NA MATEMÁTICA COM PODCAST: UM POSSÍVEL ESPAÇO DE REPRESENTATIVIDADE E ACOLHIMENTO

Johnatan Boeira Rodrigues<sup>1</sup>

GD nº06 – Educação Matemática, Tecnologia e Educação à Distância

**Resumo:** Considerando a importância da educação para as diferenças, se faz necessária a incorporação/reflexão de temas problematizadores, tais como gênero, raça, etnia e sexualidade na sala de aula. Neste sentido, o presente trabalho apresenta algumas bases dos estudos em Teoria Queer e aportes da experiência com Tecnologias Digitais (TD) na educação matemática sob um viés crítico e propositivo. Acreditamos que essas bases teóricas possam sustentar de sobremaneira nossa proposta de pesquisa, a qual objetiva investigar a articulação de atividades-matemáticas por meio de vozes de pessoas LGBTQIA+<sup>2</sup> de modo que a aula de matemática também sirva como espaço de representatividade, respeito e acolhimento. Entendemos que essa pesquisa pode ser um caminho transgressor para abordar a perspectiva de pessoas LGBTQIA+ por meio de suas memórias, afetos, pensamentos e experiências de seu processo de formação escolar, especialmente, no que diz respeito à matemática. Deste modo, esperamos que esta pesquisa possa contribuir com futuras práticas pedagógicas de professoras/professorias/ professores<sup>3</sup> que envolvam a matemática como suporte à *héxis* política e à responsabilidade social, disponibilizando relatos e reflexões por meio de um canal de *Podcasts*, o qual se constituirá durante a pesquisa, bem como por meio de atividades-matemáticas que reconheçam as vozes dessas pessoas.

**Palavras-chave:** Pessoas LGBTQIA+. Ensino de matemática. *Podcasts*. Narrativas. Teoria Queer.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática; Mestrado em Ensino de Matemática; [johnatannbrodrigues@gmail.com](mailto:johnatannbrodrigues@gmail.com)

Orientador: Maurício Rosa; Professor da Faculdade de Educação – Departamento de Ensino e Currículo e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; [mauriciomatematica@gmail.com](mailto:mauriciomatematica@gmail.com)

<sup>2</sup> “[...] L = Lésbicas São mulheres que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outras mulheres. G = Gays São homens que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outros homens. B = Bissexuais Diz respeito aos homens e mulheres que sentem atração afetivo/sexual pelos gêneros masculino e feminino. T = Transexuais A transexualidade não se relaciona com a orientação sexual, mas se refere à identidade de gênero. Dessa forma, corresponde às pessoas que não se identificam com o gênero atribuído em seu nascimento. As travestis também são incluídas neste grupo. Porém, apesar de se identificarem com a identidade feminina constituem um terceiro gênero. Q = Queer Pessoas com o gênero ‘Queer’ são aquelas que transitam entre as noções de gênero, como é o caso das drag queens. A Teoria Queer defende que a orientação sexual e identidade de gênero não são resultado da funcionalidade biológica, mas de uma construção social. I = Intersexo A pessoa intersexo está entre o feminino e o masculino. As suas combinações biológicas e desenvolvimento corporal, cromossomos, genitais, hormônios, etc. não se enquadram na norma binária (masculino ou feminino). A = Assexual Assexuais não sentem atração sexual por outras pessoas, independente do gênero. Existem diferentes níveis de assexualidade e é comum que estas pessoas não veem as relações sexuais humanas como prioridade. +, O + é utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero. Aqui são incluídos os pansexuais, por exemplo, que sentem atração por outras pessoas, independente do gênero”. (SILVA, 2020)

<sup>3</sup>Esse projeto adota de maneira independente as possíveis orientações sexuais e identidades de gênero dos professores/professoras/professorias de matemática, assim como, dos/das/des estudantes, assim utilizarem esta grafia para empoderar todos os gêneros este artigo. Logo, inserindo o gênero gramatical, neutro (CASSIANO, 2019).

## INTRODUÇÃO

Ao me recordar da formação básica sendo vivenciada na escola pública ou privada, nos questionamos sobre quais foram as vivências que nos fazem refletir sobre a educação para a diversidade. Empiricamente, percebemos que há vivências de docentes (nossos mestres e/ou colegas) que se mostram em formatos pedagógicos que não contemplam todos/todas/todes estudantes nas suas particularidades. Nesse sentido, os/as/es estudantes ao adentrarem às escolas precisam se ajustar às regras, normas, formatos, padrões e sistemas que não lhes dão sentido e pertencimento naquele espaço, onde o/a/e estudante é somente visto com olhar padronizado, sendo descartada sua individualidade, de forma a ter que conviver, muitas vezes, com falas preconceituosas partidas de professores/professoras/professorias que distinguem as “diferenças” como escolhas, apontando o sujeito sem suas particularidades e desacreditando sua capacidade intelectual.

Nessa perspectiva, escolhi agir diferente e fazer nossa ação docente de forma humana e equitativa, tratando cada estudante com suas individualidades, vivenciando possíveis conflitos com colegas para conseguir quebrar a barreira do pré-conceito por meio de falas e formações. Entendemos que é possível e imprescindível conhecer perspectivas teóricas que contemplam parcelas desassistidas a fim de promover em sala de aula um espaço para a desnaturalização de ideias e discursos preconceituosos, bem como para a formação cidadã e o pensamento crítico do/da/de estudante.

Diante disso, acreditamos ser necessária a reflexão em torno da educação a fim de se agregar uma visão educacional e de formação com os/as/es professores/professoras/professorias que envolvam temas importantes e que contribuam para uma educação em prol da diversidade, justamente, para poder pensar no acesso à educação pública e no seu atendimento. Dessa forma, a realidade do ensino de matemática não foge dessa lógica.

Frente a este cenário, estudar e elaborar uma proposta educacional matemática que envolva temas necessários para que novos formadores desenvolvam princípios e metodologias que atendam os/as/es estudantes por meio de processos pedagógicos diversificados, há muito vem nos instigando. Assim, elaborar uma proposta de atividades-matemáticas sob a perspectiva de gênero se faz necessária para que a formação e o conhecimento se fundamente em práticas e ações. Além disso, propomos a construção de materiais e pedagogias que sirvam de orientação à para a educação e o ensino de matemática para professores/professoras/professorias e estudantes pertencentes a este espaço de aprendizagem. Não damos conta sozinhos de abarcar essa realidade.

**XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática**  
Tema: Desafios educacionais e impactos Sociais das Pesquisas em Educação Matemática.  
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito Santo - IFES-Vitória-ES  
12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.



Reconhecemos que ela, talvez, nunca esteja contemplada em sua totalidade, mas, ao menos algumas vozes de pessoas que passam por esses preconceitos precisam ser ouvidas.

Especificamente em relação ao universo LGBTQIA+, nos propusemos a escutar as vozes das pessoas que se vivenciam e se identificam com esse universo, ouvindo seus afetos, dores, memórias, aversões, assim como, alegrias, prazeres, desejos, vontades, expressos em narrativas que possam contribuir com o desenvolvimento de atividades-matemáticas que ajudem a formar uma sala de aula que também sirva como espaço de representatividade, respeito e acolhimento.

Em termos narrativos, partimos também das contribuições do filósofo francês Michel Foucault (1987), pois ressaltamos que as práticas discursivas são instituidoras dos objetos dos quais falam, moldam nossa forma de constituir o mundo. Isso trouxe novos desafios às pesquisas na área de Ciências Humanas e na área de Educação, desnaturalizando ainda mais a possibilidade de uma observação passiva, descritiva e objetiva do objeto de estudo dessas áreas. Por isso, é preciso ampliar as práticas discursivas, e oportunizando espaços para escutar as vozes das minorias e registrá-las para posteridade, assim como, tornar essas vozes fontes de inspiração, principalmente, para professores/professoras/professorias que ensinam matemática planejarem e desenvolverem aulas que também permitam compreender, respeitar e empoderar as minorias nessa realidade da era digital e da diversidade.

Desta forma, um caminho para reflexão/formação com professores/professoras/professorias de matemática pode estar na produção de narrativas, a partir da experiência de pessoas LGBTQIA+, orientadas ao planejamento de atividades-matemáticas queer. As narrativas serão registradas com a produção de *podcasts* que ficarão disponíveis por meio de plataforma gratuita de *podcasts* servirão para um possível planejamento de atividades-matemáticas-queer.

Essas atividades consideram diversas dimensões, entre elas, a dimensão matemática, a pedagógica, a cultural, a sociológica, a política, a tecnológica, sendo esta última discutida por meio dos aportes das Tecnologias Digitais. Nesse sentido, pretendemos utilizá-las como modo de divulgação por meio de *podcasts* para registro das memórias em formato digital.

Investigaremos, então, como se articulam atividades-matemáticas por meio de vozes de pessoas LGBTQIA+ envolvendo o ensino de matemática como temática a ser debatida, para que consigamos por meio dessas vozes produzir atividades-matemáticas que assumam afetos, discursos e modos de produção concernentes ao que nos falam essas pessoas. A ideia é ter indícios para possivelmente transformar a aula de matemática em um espaço de representatividade,



respeito e acolhimento. Assim, entendemos que essa pesquisa pode contribuir com a educação matemática e suas relações sociais e políticas que tenham por objetivo reconhecer e valorizar narrativas LGBTQIA+. Desenvolveremos um conjunto de *podcasts* que oportunizem reflexões e acolhimento da concepção humanizadora na ação docente, para ter a criticidade como foco e promover práticas de ensino de matemática regidas pela equidade e justiça social.

Logo, esta pesquisa visa a investigar: ***Como articular atividades-matemáticas com “vozes” de pessoas que se reconhecem como LGBTQIA+, de modo que a aula de matemática também sirva como espaço de representatividade, respeito e acolhimento?***

Dessa forma, buscamos evidenciar o papel da Teoria Queer como fonte de compreensão de mundo e, em especial, da diversidade, destacando o aparato conceitual que nos permite interrogar e desconstruir certas lógicas discriminatórias que se perpetuam no espaço escolar. Não obstante, Louro (2010) afirma que os professores/professoras/professorias se esquivam do assunto, optando por uma posição “neutra” acerca do tema. Entendemos que na verdade não é uma neutralidade, e sim uma reafirmação de grandes discursos hegemônicos, tornando heteronormativo o processo de escolarização. Por meio dessas reflexões, observamos que é necessário produzir materiais e saberes que evocam as pessoas LGBTQIA+ que possibilite a discussão, problematização e reflexão da possibilidade de se tornar queer a ação docente nas aulas de matemática. Com base nisso, buscamos avançar e discutir a proposta da Teoria Queer, a qual entendemos poder contribuir para a educação matemática.

### ***Teoria Queer***

Ao interrogar as formas múltiplas das sexualidades humanas, a Teoria *Queer* permite avanços na possibilidade de questionar a naturalização das identidades heteronormativas estabelecendo assim a questão identitária como capital para entender os sujeitos *queer*.

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2004, p.8).



Neste contexto, a Teoria Queer vem instaurando novos olhares sobre a construção identitária dos sujeitos. Para esta perspectiva, as identidades de gêneros e sexuais são (re)construídas historicamente, culturalmente e socialmente (ROSA, 2015, p.25).

Segundo Butler (2013), seria necessária uma relação de continuidade e coerência entre sexo, gênero, desejo e prática sexual para que todos nós nos tornássemos inteligíveis. Para isso, a reflexão sobre essas definições feitas por diferentes áreas do conhecimento (Biologia, Psicologia, Sociologia...) é de extrema urgência. Assim, a Teoria Queer nos permite perguntar, por exemplo, “o que é um homem?”, “o que é uma mulher?”, “o sexo define a verdade do meu gênero?” ou “existe uma verdade do sexo?”.

O que existe na perspectiva queer, então, é um processo histórico e discursivo em curso que, representando determinados interesses econômicos e biopolíticos, institui e naturaliza através de correspondências binárias aquilo que é considerado “normal” e, a partir do lugar fundante da norma, também institui aquilo que é considerado diferença. Assim, estudiosos da Teoria Queer como Butler (2014) e Louro (2001) afirmam que essa diferença é dita necessária somente para estabelecer os limites e as fronteiras entre ambos e para significar positivamente as representações identitárias tidas como normais.

Logo a importância de investigações que deem voz às de LGBTQIA+ são muito importantes, também na área de Educação Matemática, justamente para que se compreenda as necessidades educacionais dessas pessoas, para que se compreenda como agir nas aulas de matemática assumindo uma postura de respeito e acolhimento. Contudo necessitamos que se discuta a matemática como forma de sustentação da equidade, como forma de compreensão dos socorros que a comunidade LGBTQIA+ necessitam, mas que são pouco ouvidas. Precisamos escutar mais a voz das pessoas LGBTQIA+, ecoar suas necessidades educacionais, para podermos transformar essas necessidades em ações concretas na prática de sala de aula, respeitando o que dizem e modificando em com/junto o cenário vigente. Logo, cabe discutirmos como faremos isso. Apresentarmos nosso modo de conceber as narrativas que serão concebidas.

### ***Metodologia de Pesquisa***

Esta pesquisa terá uma abordagem qualitativa, por meio da história oral e com a produção de narrativas. Produzir narrativas com bases na história oral é produzir fontes intencionalmente e, dessa maneira, acreditamos que “um trabalho em História Oral é, pois, sempre, um inventário



de perspectivas irremediavelmente perpassado pela subjetividade, um desfile de memórias narradas, um bloco multifacetado de verdades anunciadas” (GARNICA, 2010, p.31).

Ainda, Garnica (2008) concebe a história oral como:

[...] um método de pesquisa qualitativa que não difere, em geral, dos demais métodos qualitativos: compartilha com eles alguns dos princípios mais essenciais e elementares, mas deles difere por ter, dentre suas expectativas iniciais, não somente amarrar compreensões a partir de descrições, mas constituir documentos “históricos”, registros do outro, “textos provocados”. [...] São, portanto, sempre potenciais fontes históricas, cabendo a alguém aproveitá-las assim ou não (GARNICA, 2008, p. 130).

As descrições narrativas são reveladas oralmente. Nesse sentido, Souza e Silva (2007, p. 142) apresentam que as narrativas orais são, assim, vistas pela história oral:

Como fontes a partir das quais torna-se possível uma maior aproximação aos significados atribuídos às realidades vividas por quem narra, já que busca (em grande parte dos casos) preservar, em uma apresentação quase literal das narrativas coletadas por meio de entrevistas, as legitimidades próprias do narrador. Através delas torna-se também possível observarmos os distintos significados atribuídos a determinados acontecimentos socialmente vividos, como também, e ao contrário, observar, como afirma Goldenberg (2003), que cada indivíduo “singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social”. Neste caso, uma narrativa, uma biografia, constituir-se-ia em interessante meio de conhecer o social partindo da “especificidade irreduzível de uma vida individual”.

Essas fontes (“textos provocados”) são produzidas, então, pela oralidade, tendo início com a realização das entrevistas com um determinado grupo de voluntários pertencentes à comunidade LGBTQIA+. Souza e Silva (2015, p. 41), contribuem que a própria palavra entrevista quando lida com composição de outras duas (entre-vista) enfatiza o movimento realizado quando nos colocamos frente ao outro e passamos a questioná-lo sobre um certo período da vida. Neste momento, estão ali dois sujeitos constituídos por tudo que experienciaram, um à frente do outro, e tudo isso poderá fazer parte da história que será relatada.

No caso desta pesquisa, as “entre-vistas” são entre o pesquisador e cada uma das pessoas que se reconhecem como LGBTQIA+. Assim, nossas entre-vistas estão em processos e como produção de dados e como material para a criação de *podcasts*. A gravação de áudio e de vídeo, ambos indispensáveis para a construção da narrativa, estão servindo como fonte de dados. Após organizar esse material gravado, nosso primeiro movimento se dá na direção de transcrever essas narrativas orais, com a preocupação de preservar ao máximo o que pensamos caracterizar particularidades dos entrevistados. Sendo assim, elementos próprios da fala por esse processo, chamamos de transcrição. Em seguida, já em um processo analítico, existe um esforço para produzir um texto escrito que permita uma narrativa mais fluente. Assim, esse texto resultante da

transcrição é modificado e reorganizado, sempre havendo uma preocupação

**XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática**

Tema: Desafios educacionais e impactos Sociais das Pesquisas em Educação Matemática.

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito

Santo - IFES-Vitória-ES

12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.



de não descaracterizar o entrevistado, e isso é, sem dúvida, um desafio. No entanto, não só a narrativa será realizada, mas a produção de *podcasts* e o exercício de desenvolvimento de atividades-matemáticas que respeitem aquilo que os/as/es participantes da pesquisa revelaram sob práticas matemáticas vivenciadas, dificuldades, formas possíveis de alcançar elus.

Para a produção dos *podcasts*, também como fonte histórica a ser evidenciada como fonte histórica digital, utilizaremos a software livre Audacity, um software de edição de áudio, de fácil manejo voltado para professores/professoras/professorias, pois sua simplicidade permite que pessoas sem contato com grandes sistemas de processamento consigam editar seus arquivos de áudio.

Justificamos a produção de *podcasts* nessa pesquisa, pois “[...] o *podcasts* surge como uma alternativa viável, prática, com custos quase nulos e, também, uma metodologia de ensino [...]” (CANELAS, 2012, p.47). Segundo o site Trendings<sup>4</sup> o *podcasts* surgiu em 2004, conceito atribuído ao empresário e ex- VJ da MTV, <sup>5</sup>o estadunidense Adam Curry, o qual criou o primeiro agregador de *podcasts* e disponibilizou o seu código na internet. O nome podcast deriva da junção de iPod (dispositivo de áudio da Apple) e Broadcast (transmissão de informações por rádio ou TV). O podcast é um arquivo de áudio ou vídeo digital original, que se assemelha a um programa de rádio; o seu diferencial é que o mesmo pode ser acessado em modo offline. A maioria dos arquivos de podcast está disponível em formato de áudio devido ao menor consumo de dados, visto que o vídeo se torna dez vezes mais pesado que um arquivo de áudio. Outra vantagem que um podcast oferece está em sua organização: os arquivos são classificados por diferentes temáticas, sendo as principais: podcast de entretenimento (debate, bate-papo), podcast informativo (informação de temas contemporâneos) e podcast de formação (em formato didático). Esse último, é o formato que pretendemos desenvolver como fonte histórico-didática.

Sendo assim, pretendemos estabelecer reflexão sobre o modo como entendemos História Oral e narrativas, abordando discussões acerca dos aspectos teóricos e metodológicos que permeiam a produção de fontes dessa natureza, bem como discussões que surgem quando nos propomos a produzir narrativas fundamentadas nos princípios e procedimentos da História Oral em outros contextos como o universo queer na educação matemática.

---

<sup>4</sup> TRENDINGS. Trendings. Podcast: como surgiu, quais as vantagens e qual o tamanho do mercado brasileiro. [S.l.]. Patrícia Rodrigues, 2021. Disponível em: <https://trendings.com.br/inovacao/podcast-como-surgiu-quais-as-vantagens-e-qual-o-tamanho-do-mercado-brasileiro/>. Acesso em: 10 out. 2021.

<sup>5</sup> VJ é a denominação dada às práticas artísticas relacionadas com a performance visual em tempo real e MTV (Music Television) foi uma rede de televisão norte americana.



## CONSIDERAÇÕES

Com o objetivo de investigar e produzir narrativas queer como forma de escutar a voz das pessoas LGBTQIA+ em relação à própria sala de aula de matemática e aquilo que deve ser observado nesse espaço, assumimos a História Oral como metodologia de pesquisa, para que professores/professoras/professorias, por meio das fontes históricas a serem produzidas no decorrer da investigação (no caso, os “textos provocados” e os podcasts (narrativas digitais)), tenham conhecimento e possibilitem a incorporação de assuntos que permeiam a comunidade LGBTQIA+ na sua prática matemática de sala de aula. Nossa proposta de pesquisa visa, então, contribuir com formação com professores/professoras/professorias que ensinam matemática, principalmente, na possível transformação de práticas didáticas de matemática como forma de reconhecimento e respeito às minorias sociais no espaço escolar. Contudo nossa pesquisa encontra-se em construção, sendo ressignificações a cada entre-vistas realizadas.

## Referências

CANELAS, R. Potencialidades da Utilização de Podcasting em Língua Estrangeira para a Aprendizagem da Oralidade: uma Revisão da Literatura. **Indagatio Didactica**, vol. 4(3), jul. 2012. Aveiro: CIDTFF, 2012. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/id/article/view/4199>. Acesso em: 28/09/2021.

CASSIANO, O. **Guia para “Linguagem Neutra”** (PT-BR). 2019. Disponível em: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>. Acessado em 13/11/2022

DA SILVA, Heloisa; Aparecida de Souza, Luzia **A História Oral na Pesquisa em Educação Matemática Boletim de Educação Matemática**, vol. 20, núm. 28, 2007, pp. 139-162 Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Rio Claro, Brasil

GAROFALO, D. **Chegou a hora de inserir o podcast na sua aula**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18378/chegou-a-hora-de-inserir-o-podcast-na-sua-aula>. Acesso em: 28/09/2021.

GARNICA, A. V. M. **História oral e educação matemática: de um inventário a uma regulação**. Zetetike, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 9–56, 2009. DOI: 10.20396/zet.v11i19.8646949. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8646949>. Acesso em: 7 out. 2022.



LOURO, G. L. **Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. ver. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NACARATO, A. M. A escola como locus de formação e de aprendizagem: possibilidades e riscos de colaboração. In: FIORENTINI, D.; NACARATO, A. M. (Org.) **Cultura, formação e desenvolvimento profissional de professores que ensinam matemática**. São Paulo: Musa Editora e GEPFPM-Prapem-FE/Unicamp, 2005. p. 175-19

RODRIGUES, P. **Podcast: como surgiu, quais as vantagens e qual o tamanho do mercado brasileiro**. Disponível em: <https://trendings.com.br/inovacao/podcast-como-surgiu-quais-as-vantagens-e-qual-o-tamanho-do-mercado-brasileiro/>. Acesso em: 28/09/2021.

ROSA, A. N. **Gênero e educação escolar: uma análise das produções do —GT19 – Educação matemática de 2004 a 2013**. 82f. il.; Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Licenciatura em Matemática, 2015.

ROSA, M. **A Construção de Identidades Online por meio do Role Playing Game: relações com o ensino e aprendizagem de matemática em um curso à distância**. 263 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

ROSA, M.; PAZUCH, V.; VANINI, L. **Tecnologias no ensino de matemática: a concepção de Cyberformação como norteadora do processo educacional**. In: ENCONTRO GAÚCHO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, XI, 2012, Lajeado. Anais... Lajeado: SBEM, 2012. p. 89-105.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SEIDEL, D. J. **O professor de matemática online percebendo-se em Cyberformação**. 2013. 278f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2013.

SILVA, G. **Qual o Significado da Sigla LGBTQIA+?** Entenda o significado de cada letra e a sua importância para o movimento. EducamaisBrasil, 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-dasigla-lgbtqia>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SOUZA, M. F.; ROSA, M. Cyberformação, produtos cinematográficos e produção de aulas de matemática: em busca de uma educação matemática libertadora. **Educação Matemática em Revista**, v. 26, p. 72-95, 2021. Disponível em:



<http://sbem.iuri0094.hospedagemdesites.ws/revista/index.php/emr/article/view/2876/1958>.  
Acesso em: 06/10/2021.

SOUZA, Luzia Aparecida; SILVA, Carla Regina Mariano. **Narrativas e história oral: possibilidades de investigação em Educação Matemática**. São Paulo: Livraria da Física, 2015.

TRENDINGS. Trendings. **Podcast: como surgiu, quais as vantagens e qual o tamanho do mercado brasileiro**. [S.l.]. Patrícia Rodrigues, 2021. Disponível em: <https://trendings.com.br/inovacao/podcast-como-surgiu-quais-as-vantagens-e-qual-o-tamanho-do-mercado-brasileiro/>. Acesso em: 10 out. 2021.



**XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática**  
Tema: Desafios educacionais e impactos Sociais das Pesquisas em Educação Matemática.  
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática / Instituto Federal do Espírito  
Santo - IFES-Vitória-ES  
12, 13 e 14 de outubro de 2023 – presencial.